

No Dia do Índio, caciques repudiam a "emancipação"

Da sucursal de PORTO ALEGRE

Os 28 caciques e representantes de 9 tribos indígenas que estão reunidos, desde sexta-feira, em sua 7a. Assembléia Nacional, na cidade gaúcha de Ijuí, foram ontem às ruínas de São Miguel, a 445 quilômetros de Porto Alegre, e ali lançaram um manifesto pela passagem do Dia do Índio (hoje), dizendo que este "deveria ser o dia de escutar o índio". "Nós queremos apenas reconhecimento e respeito à nossa integridade física e cultural" — afirma o documento, depois de rejeitar as palavras "emancipação e integração" como "termos antropológicos".

O local escolhido para lançar o manifesto — as ruínas de São Miguel — constitui, segundo seus autores, uma "demonstração da destruição" de seus povos "pela civilização ocidental", a qual denunciam ao enumerar os constantes massacres, as doenças não conhecidas pelos indígenas, a espoliação de suas terras e a educação colonialista à que estiveram submetidos.

A MENSAGEM

É a seguinte a íntegra do documento indígena, intitulado "Mensagem do Dia do Índio" e emitido pelos representantes das tribos xavante, bororo, pareci, apiaka, guarani, kaingang, kayabi, terena e kaiowa:

"Hoje, dia 19 de abril, é o dia que no país inteiro se dedica ao índio. Não sabemos quando foi criado o Dia do Índio e nem de sua especificação, mas aproveitamos a oportunidade para levarmos à opinião pública nossa mensagem do Dia do Índio. Primeiro queremos dizer que no dia 22 de abril do ano de 1500, quando Pedro Álvares Cabral, pela primeira vez, pisou nestas terras, foi o começo da expansão da civilização ocidental e o começo do fim das sociedades indígenas. Com o passar dos anos, intermitente com a massa destruição que foi acarretada pela civilização ocidental. Esta usou os mais diversos instrumentos de degradação, que foi o massacre de grupos indígenas. Auxiliam neste método as doenças trazidas pelo branco e por nós nunca antes conhecidas; a espoliação de nossas terras; a aplicação de métodos de educação colonialista etnocêntrica, que não respeitou a nossa estrutura política, econômica e religiosa. Tanto assim é que até o século XVI o índio era considerado animal irracional e precisou que o papa Paulo III declarasse à opinião pública da época que éramos seres humanos dotados de corpo e alma. Mas, apesar disso, a destruição do povo indígena continuou. Foi com a alarmante situação nossa e aos clamores de alerta de pessoas de outros países que então foi criado o SPI, Serviço de Proteção ao Índio. A corruptividade desta entidade fez com que ela fosse dissolvida, ao menos no nome, e foi criada a atual Fundação Nacional do Índio, Funai. Não queremos deixar de reconhecer aqui o esforço que a Funai tem feito no campo de assistência à saúde, mas, por outro lado, temos a dizer que fatos comprovam também a omissão deste órgão nas resoluções eficazes na defesa dos nossos interesses, ao ponto de auxiliar na espoliação do patrimônio indígena.

Portanto, estamos aqui tentando mais uma vez ser ouvidos pelos órgãos oficiais e a opinião pública. São inúmeras as viagens dos representantes indígenas até Brasília, tentando resolver seus problemas. Nunca fomos consultados pela Funai no que diz respeito aos planejamentos. Tudo é decidido em Brasília, sem a presença ou sugestão de qualquer índio. Se a Funai quer realmente ajudar o índio em seu desenvolvimento, ela é que deveria promover e possibilitar este tipo de encontro, onde aos índios fosse permitido se expressar livremente e juntos buscar as soluções para os problemas. A Funai existe há dez anos e os problemas continuam os mesmos. Os índios são povos livres que vivem há milhares de anos nestas terras. Não podemos aceitar que outro povo decida os caminhos que devemos trilhar. O Dia do Índio deveria ser o dia de escutar o índio. As pessoas entendi-

das de problemas indígenas e que fazem as decisões em Brasília são antropólogos e gente alta da Funai que não vivem a realidade do índio brasileiro, portanto não sentem o problema. Esta gente parece que não quer ouvir o índio. Não seria o momento de ligar a Funai diretamente à Presidência? Para não nos acusarem de que estamos sendo teleguiados, somos francos em dizer que esta idéia surgiu a alguns anos atrás, por pessoas simpaticistas com a causa indígena e que, no momento, estudado pelos índios como última alternativa viável, porque como está, a Funai jamais terá autonomia em suas decisões a favor do índio. Como se pode conciliar divergências de interesses dentro da própria família?

Emancipação e integração são termos antropológicos. Que representam estas palavras para o índio? Acaso foram termos criados pelo índio? Como as sociedades indígenas interpretam estes termos; emancipação e integração na sociedade e civilização ocidental? Acaso estamos pedindo emancipação e integração na sociedade dos brancos? Não, nós queremos apenas reconhecimento e respeito a nossa integridade física e cultural. Que nossa emancipação e integração sejam feitas dentro de nossos padrões culturais. Queremos, na oportunidade, declarar que a Igreja, na sua totalidade, por muitos anos se manteve no silêncio ante a destruição dos povos indígenas. Ultimamente se vem notando mais ênfase a Igreja no campo da pastoral indígena. Como uma nova luz no processo de libertação dos povos indígenas quem aparece com ênfase neste campo é o Cimi — Conselho Indigenista Missionário. As missões católicas ou protestantes, ou seja, de outros credo terão que remodelar sua estrutura de assistência ao índio, despojando-se de sua ideologia colonialista e reconhecendo os nossos valores culturais para que dentro de um trabalho com base na antropologia possam nos dar força para que possamos ter uma sobrevivência física e cultural. Portanto, hoje, reunidos em assembléia de caráter nacional, somos porta-vozes dos grupos indígenas que não puderam estar presentes. Nossos irmãos de sangue que se espalham pelos quatro cantos desta imensa nação, com a esperança de verem seus problemas solucionados, principalmente o problema terra. Somos também porta-vozes daqueles nossos irmãos que até hoje se mantêm isolados, portanto, inocentes dos malefícios que a civilização ocidental pode acarretar a eles. Aproveitamos a oportunidade para protestar contra qualquer ato ou intenção de manipulação, desprezo, imposição, exploração e destruição dos povos indígenas. Que sejamos respeitados como pessoas e como sociedades. Portanto, qualquer ato de imposição e proibição vai contra os nossos anseios mais elementares. Nós, povos indígenas, dentro deste contexto, não nos omitimos de nossa responsabilidade de procurarmos, no esforço único, solucionar os nossos problemas e atingir nossos anseios como povos. Queremos mostrar a todos aqueles que nos oprimem que somos dotados de capacidade de raciocínio e que, de fato, procuramos dentro dos meios legais solucionar os problemas. E, para finalizar a nossa mensagem do Dia do Índio, queremos oferecer um pouco dos nossos valores a esta sociedade que está despida dos valores espirituais e humanos. Estes valores vocês encontrarão na nossa forma simples de vivermos a vida."